

# INFÂNCIA, CULTURA CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE\*

Sonia Kramer

O tema da infância e da adolescência tem estado presente no Brasil há pelo menos duas décadas, não só nas discussões teóricas que orientam a pesquisa acadêmica, mas também nas políticas públicas e nas lutas dos movimentos sociais. Recentemente, tem havido sem dúvida conquistas no plano legal - o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei Orgânica da Assistência Social - embora nem sempre acompanhadas pela alocação dos recursos que são imprescindíveis e pelas ações concretas necessárias para tornar fato o preceito constitucional: crianças e adolescentes são cidadãos de direitos.

(...) sabemos que o problema da infância e da adolescência tem raízes profundas. Num país em que a primeira medida voltada para a infância abandonada foi a roda dos expostos e onde os índices de mortalidade infantil ainda figuram dentre os mais altos do mundo, a solução não está apenas em medidas pontuais, não depende tão somente da ação individual de um cidadão comum e nem mesmo de iniciativas de pesquisadores ou dos movimentos sociais, embora todas essas formas de inserção e intervenção sejam fundamentais. Sabemos que a origem do problema se encontra na desigualdade econômica estrutural, na história longa de escravidão vivida por muitos brasileiros, agravada pelo empobrecimento recente e crescente, pela ausência de reforma agrária que, ao expulsar as pessoas do campo, acaba relegando-as à miséria das periferias urbanas e das favelas, e ainda pela falta de distribuição de renda, de serviços e benefícios econômicos, sociais e culturais. Porém sabemos também que o problema específico da infância e da adolescência existe e é acentuado pela omissão do Estado e pela falta de políticas sociais.

(...)  
De que modo as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel social da infância na sociedade moderna? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais? Qual o significado de ser criança nas diferentes culturas? Como trabalhar com crianças pequenas de maneira a considerar seu contexto de origem, seu desenvolvimento e o acesso aos conhecimentos, direito social de todos? Como assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade? (...)

Mais recentemente, outras questões vêm inquietando os que atuam nesta área: trata-se de estudos críticos que denunciam o desaparecimento da infância. Perguntam de que infância falamos, já que a violência contra as crianças e entre elas se tornou uma constante, num contexto onde as imagens de pobreza e mendicância de crianças bem como o trabalho infantil exemplificam uma situação em que o reino encantado da infância teria chegado ao final. (Postman, 1999).

Reconheço a relevância destas indagações, mas não consigo evitar a pergunta: término da infância, desaparecimento da infância ou destruição da própria dimensão humana do homem? É a idéia de infância que entra em crise ou a crise é a do homem contemporâneo e de suas idéias em geral? (...)

Minha posição é a de que o debate em torno do suposto desaparecimento da idéia moderna de infância não deve ofuscar nossa aguda consciência das numerosas populações infantis que vivem em condições indignas e não são respeitadas nos seus direitos. Mais do que isso, esse problema afeta (ou deveria afetar) instituições, organizações e movimentos sociais de todos os países.

(...) Como respeitar os direitos de cidadania das crianças? Como propiciar que deixem de ser *in-fans* (aquele que não fala), para que adquiram voz e poder num contexto que, de um lado, infantiliza jovens e adultos e empurra para frente o momento da maturidade e, de outro, os "adultiza", jogando para trás a curta etapa da primeira infância? As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em deixar de ser criança). Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância - seu poder de imaginação, fantasia, criação - e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas.

(...)  
Se, agora, dirigimos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte. Observando o cotidiano no trabalho, na política, nas relações familiares, vemos falta de diálogo e de escuta do outro. Com frequência falo dessa minha perplexidade e assombro diante da exclusão, da discriminação e da eliminação. Pois, apesar do avanço e aparente progresso tecnológico, a humanidade não conseguiu superar o problema que está na origem dos grandes crimes cometidos contra a vida - sejam eles de ordem política, étnica, religiosa, social, sexual - na origem dos genocídios: a dificuldade de aceitar que somos feitos de pluralidade, que somos constituídos na diferença.

É numa realidade violenta, hostil, que não sabe lidar com a diferença que educamos nossas crianças obrigadas a conviver com chacinas de crianças, mendigos e homossexuais; torturas de presos por policiais; crianças com mãos baleadas por traficantes; métodos disciplinares que violentam os direitos das pessoas; processos visíveis e invisíveis de calar a palavra alheia, eliminando a diferença ou o dissenso. (...) As crianças - com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo e reinventar a esperança - aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão. Como dar conta de explicar às crianças essa situação?

(...)  
Nosso maior desafio é o de, com a consciência dos totalitarismos a que o século XX assistiu, semear o que tem sido chamado de tolerância com o objetivo de construir uma educação fundada no reconhecimento do outro e suas diferenças de cultura, etnia, religião, gênero, classe social, idade.

Mas isso é pouco hoje. Para alcançar este objetivo é preciso combater a desigualdade e educar contra a barbárie, o que implica uma ética e exige uma perspectiva de formação cultural que assegure sua dimensão de experiência crítica. (...)

E devemos educar contra a barbárie, o que significa *colocar o presente numa situação crítica* e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é, e o futuro pode mudar a direção que parece inevitável. (...)

\* Fragmentos selecionados do texto-título, integrante do livro *Infância, Educação e Direitos Humanos*, de Sonia Kramer e Luiz Bazílio, indicado na seção "Enriquecendo a ação", no boletim de maio.



**NOVAMERICA**  
Programa Direitos Humanos  
Educação e Cidadania

**Editora**  
Susana Sacavino

**Equipe Responsável**  
Vera Maria Candau  
Laura Cristina Campello do A. Mello  
Iliana Aida Paulo  
Marilena Varejão Guersola

**Supervisão Editorial**  
Adelia Maria Koff

**Fotos:**  
Alexandre Firmino

**Composição Gráfica**  
Companhia Visual Manteca

**Apoio**

fundación santa maría  
Fons Català de Cooperació al Desenvolupament

# Direitos Humanos na sala de aula

## Apresentação

Acreditamos que dado o "primeiro passo" muitos outros se sucederão.

Esta afirmação, presente do boletim de julho de 2004, anunciava nossa aposta no projeto que há muito acaalentávamos: dedicar dois boletins por ano à divulgação de atividades desenvolvidas nas escolas, sobre o tema/lema da Novamerica. Aquele era o primeiro, publicado com prazer e expectativa.

Este é o terceiro boletim. Não temos nenhuma dúvida de que o que foi projeto é já prática instalada. Motivo de orgulho pelo/as companheiros/as - colegas professores/as e seus/suas alunos/as - que vêm trilhando junto com a gente o caminho de construção de uma nova realidade, mais humana e feliz, "com um pé no sonho e outro na realidade", como propunha Paulo Freire

Recebemos muitas produções de alunos/as, mais do que o espaço desse boletim comporta. Procuramos assegurar a presença de pelo menos um fragmento da maioria delas.

Em novembro tem mais! Aguardem e... venham se juntar a nós.

Em "Para refletir", apresentamos algumas idéias sobre o tema da infância e da adolescência, na perspectiva da "educação contra a barbárie", colhidas em texto de Sonia Kramer, que merece ser lido em versão integral.

Aproveitamos para desejar a todos e todas férias em clima de paz. Que elas contribuam para o retorno, cheio de disposição e entusiasmo, em agosto.

## A equipe

"A paz é uma dinâmica permanente de vida, de relações, e não há paz sem verdade e sem justiça. A base fundamental da paz é a justiça."

(Adolfo Perez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz)



Entre nessa, abrace esta luta!

**JULHO**

**Datas Significativas**

- 13 Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)
- 14 Dia da Liberdade de Pensamento  
"Sem participação, sem liberdade, não há aceitação da diferença nem o interesse pelo social". (Betinho) Não há, portanto, possibilidade de paz.
- 17 Dia de Proteção às Florestas
- 18 Dia do Trovador  
Aqui destacado em homenagem aos/às jovens poetas que nas escolas usam suas poesias para denunciar e anunciar (alguns/mas deles/as estão nas próximas páginas)
- 20 Dia do Amigo e Internacional da Amizade

Durante os dias 27 a 30 de junho, foi realizada a 3ª Jornada Escola e Violência, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, em Duque de Caxias/RJ. Organizada pelo NEC/UERJ e a Novamerica, a Jornada foi importante espaço de debate e difusão do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.